A ARTETERAPIA E O BRINCAR NO CONTEXTO HOSPITALAR

MICHELLE NASCIMENTO ALVES CARDOSO

Resumo

A presente pesquisa trata dos estudos da arteterapia e o brincar no contexto hospitalar, quando estudantes são acometidos por alguma enfermidade que os impedem de frequentar o ambiente escolar tradicionalmente como o habitual. Considerando a importância do desenvolvimento do brincar e observando crianças que frequentam as classes hospitalares, é essencial que essas possam desenvolver propostas que envolvem a arte e tantas outras possibilidades que teoricamente só poderiam ser desenvolvidas em uma sala de aula comum, sendo assim, justifica-se o desenvolvimento desta proposta. O objetivo desta pesquisa é conceituar o significado do brincar e ainda, como a arteterapia aplicada para alunos em situação hospitalar podem favorecer seu desenvolvimento estudantil, pessoal e intelectual. Para tanto foi realizada a revisão bibliográfica, onde foram consultados diferentes autores que dissertam sobre a temática em questão, em diferentes bancos de livros, teses e dissertações. Ao longo desse estudo foi possível concluir como se faz necessário ofertar diversas formas de ensinar arte aos estudantes, bem como valorizar os diferentes saberes em prol do ensino, aprendizagem e da educação, melhorando sua vivência por meio da arteterapia.

Palavras-chave: Arteterapia. Brincar. Educação e Arte.

1 INTRODUÇÃO

O ser humano é fundamentalmente cultural, portanto, a arte é parte integrante de sua vida e de sua psique, capaz de mudar os "humores", edificar a personalidade de um indivíduo podendo funcionar como um processo interno e individual ou externo e coletivo, de acordo com Anastasiou (2018).

A presente pesquisa tem como temática estudos da arteterapia e o brincar no contexto hospitalar, pensando em como pode ser ofertado momentos de aprendizado para crianças que não podem frequentar a escola regular.

Considerando a importância do desenvolvimento do brincar e observando crianças que frequentam as classes hospitalares, é essencial que essas possam desenvolver propostas que envolvem a arte, sendo assim, justifica-se o desenvolvimento desta proposta.

O objetivo desta pesquisa é conceituar o significado do brincar e ainda como a arteterapia aplicada para alunos em situação hospitalar podem favorecer seu desenvolvimento estudantil.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, foi realizada a revisão bibliográfica, onde foram consultados diferentes autores que dissertam sobre a temática em questão, por meio de bancos de pesquisa virtuais, bibliotecas online e livros físicos.

Ao longo desse estudo foi possível concluir como se faz necessário ofertar diversas formas de ensinar arte aos estudantes, bem como valorizar os diferentes saberes em prol do ensino, aprendizagem e da educação.

Produzir e apreciar arte faz parte da natureza humana e é uma atividade rica em experiências pessoais que podem transmitir sentimentos e sensações aos outros. Além da arte, quando pensamos em desenvolvimento infantil, a importância da intencionalidade docente na brincadeira infantil também é essencial e por isso foram pesquisados por meio de referenciais teóricos que tratam sobre a temática.

Por fim, conclui-se por meio dessa pesquisa que a arteterapia e a brincadeira podem ser, juntos, essenciais para que se possa exercer um espaço de convivência e exploração para crianças em situação tão peculiar, resultando em benefícios e aprendizagem para elas.

2. A ARTETERAPIA E O BRINCAR

A experiência do brincar na educação infantil deve ser vivenciada pela criança para que ela possa aprender brincando. Esta experiência precisa ser respeitada pela comunidade escolar, principalmente, pelo corpo docente, em suas particularidades, no qual cada criança possa ser reconhecida como portadora/geradora de grande potencial de desenvolvimento em que o(a) pequeno(a) é aquele(a)que aprende e cresce na relação com os outros, na interação que explora e descobre por si, que conclui sem intervenções diretas do(a) docente.

Segundo Faria (2003 apud SÃO PAULO, 2013) a Educação Infantil deve ser um ambiente comparado à um “oásis”, necessitando ser um lugar em que a criança tenha liberdade em ser criança! Tal só pode ocorrer se os(as) professores(as) viabilizarem espaços, tempos e materiais para que os(as) pequenos(as)venham a desbravar o mundo através do brincar, oportunizando, deste modo, relações das mais “[...] variadas com o ambiente, com os objetos e as pessoas, principalmente entre elas: as crianças.” (Ibid., p.11). deste modo:

Na Educação Infantil as crianças têm direito ao lúdico, à imaginação, à criação, ao acolhimento, à curiosidade, à brincadeira, à democracia, à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à con-

vivência e à interação com seus pares para a produção de culturas infantis [...].(SÃO PAULO, 2013, p. 12)

Infelizmente ainda há instituições de educação infantil que focam em engessar as propostas pedagógicas, visando apresentar um "produto final" a partir de projetos desconexos com as vivências das crianças em que os resultados, em muitos casos, são utópicos e não concretizáveis e/ou concretizados, de fato, pelos(as) pequenos(as). É o que se pode exemplificar por propostas tradicionais de ensino em que a questão do resultado advém de uma concepção bancária de educação que está em conformidade com o sistema capitalista que estamos imergidos. Portanto, tais práticas estão em discordância com uma visão pedagógica para a infância – defendida neste artigo - que privilegie uma práxis real e consolidada pelas vivências e interações criadas pelas crianças, seja com o meio ou com os materiais, espaços e com demais indivíduos que as cercam.

As crianças são a ciência e se concluem por experimentos, se "repertoriadas " para isso. Desta maneira, aquelas que têm o lúdico/fantasia como quesito respeitado pelas instituições escolares2, terão a oportunidade de vivenciarem uma primeira infância feliz e com chances de alcançar seu potencial criador. Para tanto, vários fatores devem ser considerados, como o protagonismo das crianças e o olhar atento do(a) professor(a) para que favoreça a escuta, o intercambio e as relações.

Destarte, há a necessidade de ocorrência de novos olhares pedagógicos, bem como, de estudos e práticas reais, em que sejam criadas situações de aprendizagem para as diversas materialidades , ou seja, a fim de contemplar as diversas demandas de conhecimento infantil. Assim, a ação docente vai ao encontro da teoria de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), apoiada por Vygotsky (1984), que nada mais é que a:

[...]distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (p. 97)

Defende-se aqui que a preparação do ambiente – concretizada pelo(a) docente -, como um(a) "terceiro(a) educador(a)", sendo: o(a) professor(a) considerado(a) como o(a) primeiro(a) educador(a) e a criança como segunda educadora.

Para tanto, com relação ao brincar e a intencionalidade docente, o(a) professor(a), segundo a teoria da ZDP, irá observar, por meio de um olhar atento, quando a criança está com uma problemática a solucionar em uma brincadeira, ou seja, quando, sozinha, não consegue ultrapassar desafios emergentes. Deste modo, o(a) professor(a) irá mediar estas situações fazendo uma ponte entre os desafios apresentados pelas ciências infantis e os tempos, espaços e materiais que os(as) pequenos(as), individualmente, necessitam para solucionar as problemáticas surgidas pelo processo brincante de levantamento de hipóteses e descobertas.

Deste modo, materiais e atividades como: argila, desenho, pintura, linguagem digital, exploração de campo, gesso, carvão, árvores, galhos, folhas, flores, pedras, água, terra, vento, sol, sombra, areia, barro, chuva, dentre outros tantos recursos viabilizam meio eficaz de elaboração e de construção de conhecimento dos reais protagonistas da educação da infância, as crianças!

Portanto:

As potencialidades de bebês e crianças se manifestam diariamente nas formas de expressão [as culturas infantis] construídas por bebês e crianças nos diferentes cenários da cidade. Nesse sentido, bebês e crianças não são apenas reprodutores da cultura construída pelos adultos, mas também autores de formas próprias de expressão que manifestam de forma autoral e criativa sua forma de ver, estar e entender o mundo. (SÃO PAULO apud SÃO PAULO, 2019, p. 89)

Pensando nas crianças em situação hospitalar e como a arteterapia pode ajudá-los na superação das dificuldades, desenvolve-se a seguir tópico sobre a arteterapia para crianças hospitalizadas.

2.1 Arteterapia no contexto hospitalar

De acordo com Valadares (2014), a hospitalização representa uma crise na vida da criança e afeta tanto o lado orgânico quanto o psicológico, ocasionando diversos distúrbios de comportamento e atrapalhando seu desenvolvimento normal. Trabalhar com crianças hospitalizadas, portanto, torna-se crucial para amenizar os efeitos negativos da doença e da hospitalização e tratamento que ameaçam seu desenvolvimento psicossocial normal.

Arteterapia é um termo que se refere ao uso da arte para fins terapêuticos, seja para reabilitação psicossocial ou saúde mental e trata-se de um recurso muito poderoso para examinar a maturidade afetiva, comportamental e socialização da criança.

Valadares (2014) acredita que a arteterapia, veículo de expressão e criação, restaura a forma natural da criança de se comunicar com os outros; Graças a isso, a criança amplia seu conhecimento de mundo e se desenvolve emocional e socialmente, por isso não deve faltar na vida de uma criança principalmente de uma internada, espaços para que ela possa desenvolver seu potencial artístico.

Para Calixto (2020), a arteterapia para as crianças colabora para o seu desenvolvimento, para a expressão dos pensamentos e ainda como forma de expressar sentimentos que nem sempre são possíveis por meio de apenas um tipo de linguagem. Ao considerar as crianças em situação hospitalar, é imprescindível que essas possam encontrar meios para se expressar, ainda mais passando por situações tão desafiadoras, como enfrentar uma doença grave, tão jovens.

De acordo com Urrutigaray (2008), o trabalho com a arteterapia auxilia na reestruturação e integração de indivíduos com base em referenciais teóricos, Possibilita ganhar autonomia como meta ou objetivo de melhoria da vida humana. Para o autor, o mundo da arteterapia é cor, colagem, imagem, texto, drama, dança e busca por eles

soluções para as necessidades individuais de adultos ou crianças, demonstrando-se também um excelente recurso para os trabalhos coletivos.

A arteterapia impacta no desenvolvimento infantil no aspecto da criatividade e de livre expressão associativa, onde as ideias dão vazão a subjetividade e a crítica da realidade. As pesquisas mais atuais têm sinalizando caminhos para a superação de problemas enfrentados no cotidiano dos espaços educativos, e que serve de estímulo a todos os interessados em desenvolver atividades inovadoras utilizando-se da arte e de seu potencial transformador de concepções, pensamentos e ações (SONIA, 2016).

A finalidade da arte na educação infantil não é formar artistas, mas dar voz a criatividade natural de cada criança, sem julgamento, sem critica. Sabemos que quanto mais a criatividade for estimulada, mais recursos cognitivos a criança desenvolve para controlar suas emoções (Santos, 2015). A criança estimulada na sua criatividade e expressividade desenvolve resiliência emocional, enfrenta melhor a frustração torna-se mais comunicativa, além é claro de desenvolver aspectos da socialização, interagindo com os demais participantes, sensibilizando-se, fortalece sua capacidade interior, descobrindo seus gostos, desejos e sonhos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, deste modo, que é imperioso a existência da intencionalidade docente/pedagógica para que as crianças de creches e pré-escolas ampliem sua postura investigativa sendo potentes ao terem autonomia na elaboração de seu processo de aprendizagem. Está intencionalidade pedagógica, como bem discorrido neste artigo, se faz na organização dos tempos, espaços, materiais, e das interações que venham a favorecer e ampliar as aprendizagens e o desenvolvimento de bebês e crianças.

Com isso, é indispensável que a prática pedagógica seja planejada para que as experiências e vivências dos(as) pequenos(as) sejam contempladas em conformidade com as demandas apresentadas pelos(as) bebês e crianças.

No que se refere ao trabalho da arteterapia, fica evidente que essa se mostra importante para o desenvolvimento da criança, desenvolvendo habilidades no campo da criatividade, da comunicação e da expressão de sentimentos, tão importante para o crescimento pessoal e coletivo de todo ser humano.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, Helene Paraskevi. PRINCÍPIOS DA ARTETERAPIA. REVISE-Revista Integrativa em Inovações Tecnológicas nas Ciências da Saúde, v. 3, n. 00, 2018.

CALIXTO, Alessandra Mendes. Arteterapia aplicada à educação infantil. Pedagogia-Unisul Virtual, 2020. Disponível em < https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/16547/1/artigo%20para%20apresenta% c3%a7%c3%a3o.pdf>. Acesso em 24 nov. 2022.

SANTOS, Sebastião Jacinto dos; et al. Arteterapia e Inclusão Social com Adolescente em Liberdade Assistida. Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo. Revista de Arteterapia da AATESP, vol. 6, n. 1, 2015. - ISSN 2178-9789.

Disponível em: http://www.aatesp.com.br/downloads/revista_v6_n1.pdf. Acesso em: 24/05/2020.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Orientação normativa nº 01: avaliação na educação infantil: aprimorando os olhares – Secretaria Municipal de Educação. São Paulo: SME / DOT, 2013

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Currículo da cidade: Educação Infantil. – São Paulo: SME / COPED, 2019

VALLADARES, Ana Cláudia Afonso. Arteterapia com crianças hospitalizadas. Revista eletrônica de enfermagem, v. 6, n. 3, 2004.

VALLADARES, Ana Cláudia Afonso; SILVA, Mariana Teixeira da. A arteterapia e a promoção do desenvolvimento infantil no contexto da hospitalização. Revista Gaúcha de Enfermagem, v. 32, p. 443-450, 2011.

VYGOTSKY, Lev S. Interação entre aprendizado e desenvolvimento. In: VYGOTSKY, Lev S. A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1984, p. 89-103.